

alicerce



da juventude socialista

Nº 30

De 28/10/83 a 04/11/83

Cr\$ 150,00

O país em “estado de emergência”:

- Newton Cruz ataca em Brasília.
- Sai o 2064. Entra o 2065. O arrocho continua.
- A “oposição” barganha a fome dos trabalhadores.

A Greve Geral

necessária e
urgente!



Granada:
O imperialismo
prepara
novos
Vietnans

A Revolução de Outubro



Há 63 anos, os operários e camponeses russos realizavam, sob a direção do Partido Bolchevique de Lenin e Trotsky, a primeira revolução proletária vitoriosa. Nesses 63 anos, duas guerras mundiais imperialistas aconteceram; centenas e centenas de guerras localizadas, também imperialistas, ocorreram; grandes crises econômicas, como a dos anos 30 e a atual, trouxeram à luz a miséria e o desespero; a economia de armamento e de guerra conseguiu fazer a economia capitalista respirar por certo tempo, fazendo hoje o mundo desabar diante do caos econômico e da ameaça do holocausto nuclear. Na verdade vivemos sob o impasse do modo de produção capitalista e de toda a sua podridão. A única solução é a expropriação do capital e a instituição das mesmas relações sociais de produção que a Revolução de Outubro criou. Essa revolução mostrou o proletariado assumindo a direção da sociedade e se encarregando de realizar conscientemente a história. Era o proletariado organizado como classe, nos seus Conselhos Operários, os Soviets (isto é, no seu próprio parlamento e executivo, que incluía seus sindicatos e seus partidos). O proletariado da Rússia de 1917 teve forças para tomar o poder, varrer as antigas classes dominantes e transformar as relações sociais de produção, dando forma ao primeiro ato da Revolução Socialista mundial.

No entanto, esgotado pela guerra civil e isolado em função das derrotas da classe operária na Europa durante os anos 20, o proletariado soviético não conseguiu manter o poder. No interior do Estado Operário russo, no interior do partido da revolução (o partido bolchevique), uma burocracia parasitária, contra revolucionária, floresceu e se consolidou: uma burocracia de natureza

pequeno-burguesa, ponta de lança da contra-revolução burguesa no interior do Estado Operário e do partido, que ela destruiu e stalinizou. A III Internacional Comunista foi transformada num instrumento de defesa dos seus interesses de casta privilegiada, assim como de defesa da ordem burguesa a nível mundial. As conseqüências para o proletariado e para a humanidade foram — e continuam sendo — imensas. O sistema imperialista passou a ser protegido pelos Partidos Comunistas de todo o mundo, contra o avanço das massas oprimidas e exploradas. E a manutenção do sistema imperialista, apesar de sua agonia, pode sobreviver, reforçando os sinais de sua degeneração e barbárie.

Stálin e sua corte assassinaram Trotsky e toda a geração que fez a Revolução de Outubro, provocando o pânico, a desilusão e o desarme de gerações e gerações. No entanto, apesar de ter traído a Revolução de Outubro, Stálin não conseguiu liquidá-la, não conseguiu realizar até o fim a contra-revolução burguesa, isto é, a burocracia stalinista não conseguiu destruir as relações sociais de produção que nasceram com Outubro e que, pelo contrário, se estenderam para outras regiões do mundo. As relações de Outubro vivem na consciência das massas.

A bandeira da Revolução Social, da luta contra o capitalismo levantada pelo proletariado de todo o mundo é filha legítima da Revolução de Outubro, da mesma forma que o é também a **revolução política** que haverá de varrer a burocracia do Krêmlin e as burocracias satélites, cuja expressão maior de crise se concentra hoje na Polônia.

Alicerce da Juventude Socialista comemora Outubro combatendo pela Internacional operária e pela vitória da Revolução Socialista.

Trotsky	Minha Vida	Cr\$ 5.500,00
	História da Revolução Russa	Cr\$ 13.000,00
	Escritos (26 volumes)	Cr\$ 55.000,00
	Programa de Transição	Cr\$ 600,00
Marx/Engels	Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844	Cr\$ 3.500,00



Assine Alicerce

Nome _____
 Rua _____
 Bairro _____ CEP _____
 Cidade _____ Estado _____
 Profissão _____ Idade _____

Para receber Alicerce todas as semanas, durante seis meses, basta preencher o cupom acima e enviar junto com um cheque nominal ou vale postal no valor de Cr\$ 3.600,00 (normal) ou Cr\$ 6.000,00 (solidária). Envie para ACS Editora Ltda., Rua Maestro Cardim, 1048 - 01323 - S. Paulo - SP.

NÃO

à
 agressão
 ianque!



Os Estados Unidos aprofundaram, neste dia 25, sua política de agressão na América Central e Caribe, invadindo a pequena ilha de Granada, com uma força-tarefa de 5 navios de guerra, capitaneada pelo porta-aviões *Independence* e pelo porta-helicópteros *Guam*, com um contingente de dois mil fuzileiros navais — os famigerados *marines* — segundo a versão oficial. (As não-oficiais falam em sete mil soldados das forças invasoras, que contam com a participação de tropas da Jamaica, Antígua, Barbados e outros países do Caribe.) Segundo o embaixador de Granada na URSS, só no primeiro dia da invasão morreram 1.200 granadinos, sendo certo que a resistência popular ao avanço das forças invasoras, no momento em que fechávamos esta edição, era violenta.

Granada é uma pequena ilha (sua área é igual a cerca de um quinto do município de São Paulo) no mar do Caribe, próximo da Venezuela. O turismo era a principal fonte de renda de seus 150 mil habitantes, desde que o país se tornou independente da

Inglaterra, em 1974. Em 1979, Maurice Bishop, líder de um grupo marxista, depôs o excêntrico primeiro-ministro Eric Gairy e fez um governo marcado por várias medidas populares e pela aproximação com Cuba. Mais recentemente, porém, Bishop estava tentando recuperar as boas graças (e os dólares) ianques. Aparentemente, foi essa a causa do golpe de estado militar que o derrubou, há duas semanas. Os ministros que o depuseram e mataram são identificados como pró-soviéticos.

Para Reagan, Shultz & Cia., no entanto, o que interessa é dar uma demonstração de força, destruindo o que chamam de "base cubano-soviética" que poderia ameaçar sua segurança. É só dar uma olhada no mapa para constatar o absurdo dessas alegações.

Pelo contrário, essa invasão direta das tropas ianques — a primeira desde a intervenção na República Dominicana, em 1965 — representa um avanço na escalada militar dos EUA, colocando em perigo a segurança de Cuba e da Nicarágua, os verdadeiros alvos do imperialismo.

Líbano

As "Forças de Paz" sentem o peso da guerra

Do papa aos chefes de Estado europeus, todos lamentam os atentados que causaram a morte de quase 300 soldados americanos e franceses no Líbano. Fingem esquecer, com o maior cinismo, que as forças "de paz" há poucas semanas estavam bombardeando Beirute, e que estão ali para garantir o governo fascista de Gemayel e sua Falange — a mesma Falange que, há pouco

mais de um ano, massacrou não dois quartéis de tropas intervencionistas e sim dois campos de refugiados, os de Sabra e Chatila. Os atentados suicidas aos quartéis ianque e francês foram atos de guerra, realizados com caminhões carregados de dinamite em vez de aviões munidos de bombas, e demonstram mais uma vez a revolta das massas oprimidas do Oriente Médio.



ENCONTRE
 NAS
 SEDES



Os conciliadores escapam por pouco.

O stalinismo perdeu as UEE's mas preservou a UNE. Até quando?

Um amplo setor do movimento estudantil, e sem dúvida sua vanguarda mais combativa, esperava que o Congresso da UNE coroasse o processo que se deu nas UEE's de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, varrendo os conciliadores e elegendo direções combativas incondicionalmente ao lado dos trabalhadores. Infelizmente isto não aconteceu e mais uma vez os burocratas da tendência "Viração" dominam a UNE. Por que o Bloco de oposição não ganhou o Congresso?

votação enfraquecendo mais ainda o bloco de oposição que já se encontrava abalado pela suspensão da greve geral. Mas as vacilações não pararam aí.

"Caminhando" passa para o outro lado

A correlação de forças no Congresso, entre a diretoria e o bloco de oposição foi testada em uma votação de um encaminhamento, absolutamente secundário, sobre como devia se dar a votação do ponto educacional. Esta votação, que unificou todo o stalinismo e toda a oposição, teve como resultado uma vitória do stalinismo por uma margem muito pequena de 43 votos (1239 a 1196). A partir daí "Caminhando" e outros grupos menores começaram a abandonar as suas posições combativas de defesa da CUT e da Greve Geral e a consumir sua aliança traidora com "Viração". O objetivo de "Caminhando" era simplesmente não ficar de fora da diretoria da UNE, nem que para isto dessem o aval, com sua presença na chapa de "Viração", ao programa reformista aprovado. Infelizmente se confirmaram as piores previsões de "Alicerce" sobre o caminho incoerente de "Caminhando", colocadas no último número deste jornal.

Não é possível deixar de ressaltar novamente o papel nefasto de "O Trabalho", que propôs que o bloco de

oposição não apresentasse uma chapa alegando que o congresso havia sido uma fraude, em uma posição completamente irresponsável porque nem apresentava provas e ao mesmo tempo havia participado normalmente do Congresso até este ponto. Em função desta posição se recusaram a participar da chapa do Bloco.

Esta foi a culminação de um Congresso que aprovou um programa de conciliação no seu ponto nacional, o mesmo acontecendo no ponto de lutas educacionais, onde passaram as propostas de subsídios para as escolas privadas, por exemplos. Este resultado se deu não só porque o stalinismo tem um aparato que atinge regiões onde as outras correntes não chegam, mas pelos fatores que apontamos acima.

No entanto, apesar de sua vitória, no conjunto os conciliadores se enfraqueceram. Os míseros 40 delegados de diferença, mostram que a Oposição cresceu neste período, enquanto, em contrapartida, há um enfraquecimento brutal das correntes dos apoiadores dos jornais "Voz da Unidade" e "Hora do Povo", que não participam sequer da diretoria eleita no Congresso. Este enfraquecimento é fruto do ascenso e da nova situação da luta de classes aberto com a greve do dia 21. Podemos afirmar que começou o processo de derrubada do stalinismo da UNE.



Valéria Coelho da Paz

Um fato objetivo da situação nacional repercutiu em todo o desenvolvimento do Congresso: a suspensão, pela direção da CUT, da greve marcada para o dia 25/10. Quase metade dos 2600 delegados que preparavam a greve na Universidade atendendo ao chamado do CONCLAT e do bloco de oposição ficaram mergulhados em uma grande confusão. Deixou de existir a unidade conquistada nos Congressos estaduais em torno da defesa da CUT e da preparação da Greve Geral.

Este fato permitiu ao stalinismo, principalmente aos apoiadores da "Tribuna da Luta Operária", garantir a coesão de sua bancada, conjuntamente fortalecida, inclusive atraindo setores vacilantes da Oposição (Caminhando, principalmente) para a chapa vencedora.

Evidentemente esta polêmica sobre a suspensão da greve se tornou a principal discussão dentro do bloco de oposição, configurada na plenária dos militantes e simpatizantes do PT. Nesta plenária foi aprovada por ampla maioria uma resolução nacional, apresentada por "Alicerce da Juventude Socialista" e por apoiadores do jornal "Em Tempo", que apontava o papel traidor dos pelegos e stalinistas e localizava a debilidade na preparação da greve por parte da direção da CUT, defendendo que a UNE se dirigisse à CUT propondo que fosse

marcada nova data para a greve geral. Os apoiadores do jornal "O Trabalho" e os ativistas ligados ao grupo dos 113 dentro do PT, se colocaram violentamente contra esta resolução, argumentando que não cabia aos estudantes e a uma entidade estudantil criticar a direção da CUT e propor a marcação de uma nova data para a greve geral. Os que propuseram a moção vitoriosa, entre os quais "Alicerce", pensam ao contrário: que a decisão de realizar uma greve geral não é monopólio da direção da CUT, que deve aplicar o que votou o CONCLAT. Além disso, depois que a convocação da greve ganhou as ruas e a discussão da sua preparação começou a ser feita em comitês de base, há não só o direito mas o dever de todos os ativistas envolvidos nesta preparação opinarem sobre uma decisão tão importante como a suspensão. Os estudantes foram parte ativa desta preparação e nada mais correto que se manifestem quanto a isto.

Como se não bastasse sua posição de acobertar totalmente o erro da direção da CUT, "O Trabalho" e os "independentes" dirigidos pelos 113, se lançaram para dividir o bloco de oposição na medida em que sua resolução não foi aprovada. Apresentaram uma outra proposta de resolução ao Congresso e dividiram a

No ABC, mais duas UMES:

Uma grande vitória



Os novos presidentes das UMES do ABC



Fotos de Guerreiro

No último dia 23 foram fundadas duas UMES no ABC, a de Santo André, Ribeirão Pires e Mauá e a de São Bernardo.

Os Congressos de fundação expressaram o avanço do movimento secundarista, e particularmente o do ABC, onde o movimento secundarista tem uma tradição de luta estreitamente vinculada às lutas dos trabalhadores. Como, por exemplo, os secundaristas de Santo André, que em 1979 na Greve dos professores fizeram greve em diversas escolas e uma passeata com mais de 400 estudantes pela cidade.

Estas duas UMES nascem com um programa de total aliança com os trabalhadores pela derrubada da ditadura. Assumiram o programa da CUT e estarão à serviço da preparação da Greve Geral, como decidiram os Congressos. Além disso se posicionaram pela verdadeira defesa do ensino público e gratuito, ao lado das demais reivindicações estudantis.

Os dois Congressos decidiram por eleições diretas para as diretorias, que se realizarão no início do próximo semestre. Até lá, para dirigir as entidades e encaminhar as deliberações aprovadas cada congresso elegeu uma diretoria provisória e proporcional.

O congresso da UMES - Santo André, Ribeirão Pires e Mauá contou com 68 delegados representando 18 escolas. Foi eleita para a diretoria uma chapa que tem na presidência a companheira Solange que estuda no Amaral Wagner e é membro do Alicerce.

Já em São Bernardo, participaram do Congresso 51 delegados representando 12 escolas. Para a diretoria foi eleita por maioria absoluta a chapa formada em defesa da CUT e da Greve Geral, que tem na presidência o companheiro André, também membro do Alicerce.

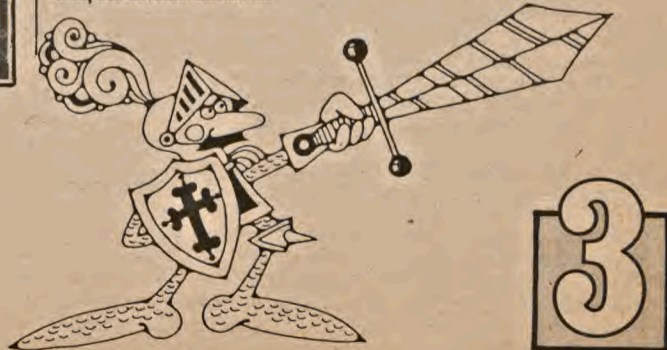
Aqui, tem que ser ressaltado o papel da corrente Luta Secundarista, que se recusou a formar a chapa pela CUT e Greve Geral, na qual, além de Alicerce, participavam os apoiadores do jornal Causa Operária e estudantes independentes. Luta Secundarista defendeu uma chapa única, sem programa político, da qual participasse Viração. Por fim, tentou formar uma chapa com Viração e alguns independentes contra a chapa que defendia a Greve Geral e a CUT, coisa que não se concretizou porque não havia pessoas suficientes para preencher o número de cargos necessários. Diante disso, Luta Secundarista e Viração se abstiveram na votação da diretoria.

Fundada a UMES da Baixada

O congresso da fundação da UMES-Baixada Santista teve a participação de 50 delegados. Foi realizado no dia 23, no Centro de Estudantes de Santos (CES).

Dirigindo a mesa do Congresso estava a companheira Luiza, membro da comissão pró-UMES e uma das dirigentes de Alicerce.

No ponto nacional foi aprovado o programa da CUT e o apoio à CUT e à Greve Geral. Outra discussão importante foi sobre a posição dos secundaristas diante das eleições que serão realizadas para a prefeitura de Santos e aí a polêmica foi grande. A posição do Congresso foi de apoio ao candidato do PT, proposta que venceu uma formulação oportunista defendida pelos stalinistas e, inclusive, por alguns estudantes petistas que era "PDS não, voto na oposição". No ponto de Lutas Educacionais o programa aprovado não difere em nada do programa da UPES. E para a direção da entidade foi eleita uma diretoria proporcional e provisória. Haverá eleições diretas em abril.



O que pretende a ditadura com as medidas de emergência em Brasília?

Um gorila armado com metralhadora. Assim pode ser definida a postura do general de divisão Newton Cruz como executor das medidas de emergência decretadas pelo governo Figueiredo em Brasília. Ao determinar a invasão e interdição da sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF), na tarde do dia 24, esse general abertamente fascista tomou uma medida repressiva que nem a ditadura de Vargas, durante o Estado Novo, e mesmo o regime de 64, tomaram até aqui, já que isso traria mais inconveniências com a burguesia do que êxitos reais. Entretanto, o que seria trágico em outros tempos, hoje nada mais é do que a demonstração do atabalhoamento da ditadura militar. A intervenção na OAB, determinada por Cruz para apurar possíveis violações à sua portaria (que proíbe reuniões "contestatórias" mesmo em recinto fechado), durou precisamente 45 minutos. Esse foi o tempo necessário para o recuo desconcertado do general. Diante do vendaval que armou e sem qualquer respaldo do governo ou do comando do Exército, não teve outra saída senão reconhecer: "Quebrei a cara!"

Acontece que, apesar do descompromisso de Figueiredo e do ministro do Exército, Valter Pires (este chegou mesmo a exigir a publicação de uma nota do Comando Militar do Planalto assumindo a sua integral responsabilidade pelo ocorrido), o fato é que tudo isso decorre das medidas de emergência que adotaram e que, objetivamente, representam o que há de mais asqueroso na legislação fascista criada pela ditadura, confundindo-se mesmo com a LSN (no episódio da intervenção da OAB, Newton Cruz se valeu tanto do Artigo 155 da Constituição, como da LSN). De nada adianta o apelo à "autoridade" da Constituição, para justificar essas medidas, já que também essa Constituição pertence ao regime militar, que a promulgou em 67.



Mas acontece que para os planos do governo, as medidas de emergência têm um objetivo mais preciso que a repressão pura e simples. Elas servem principalmente como elemento de pressão sobre o Congresso para a negociação.

A maior confirmação disso está dada pela própria reação dos partidos de oposição da burguesia, particularmente o PDT e o PTB, que, em nome do levantamento dessas medidas, se dizem dispostos a aceitar a negociação em torno da política de arrocho, agora representada pelo novo decreto 2065. Essa pressão, para a ditadura, justifica-se ainda mais em função da necessidade que tem de uma aprovação rápida, até fins de novembro, de sua política salarial, no Congresso. Disso depende o fechamento do novo acordo e da renegociação com o FMI. Ao supervalorizarem a decretação das medidas de emergência, não como um elemento a mais a apontar a necessidade do combate implacável à ditadura, mas como um dado que reforça o diálogo (para evitar o "golpismo", como dizem), os partidos burgueses de oposição dão sua parcela de contribuição para a criação de uma cortina de fumaça que visa ocultar o avanço do arrocho, sob a forma dos sucessivos decretos do governo. Enquanto isso, o regime, em decomposição, dispara contra o povo trabalhador não só a fome, comb também a repressão, mostrando que o monstro ferido ainda sabe ferir. A LSN segue sendo brandida contra os trabalhadores como ocorreu com a condenação dos padres franceses e dos posseiros do Pará e com a ameaça e ataques a Alicerce e a outras organizações operárias. A saída, cada vez mais é avançar na luta pela derrubada final dessa ditadura, de seus planos de fome e de sua legislação repressiva.

Condenação dos padres e posseiros do Araguaia:

Os dois pesos dos tribunais militares da ditadura

Ao condenar, no dia 20, os padres franceses François Gouriou e Aristides Camio, ao lado de outros treze posseiros da região de São Geraldo do Araguaia, interior do Pará, às absurdas penas de 8 e 10 anos de prisão, com base na famigerada Lei de Segurança Nacional (LSN), o Superior Tribunal Militar deu uma prova incontestável do significado da "abertura" do governo Figueiredo após a anistia de 79. No caso, os 15 implicados estão presos desde 31 de agosto de 1981, acusados de incitarem e participarem de uma emboscada de posseiros contra agentes da Polícia Federal, na qual morreu um jagunço (pistoleiro contratado pelos grandes fazendeiros da região para intimidar, agredir e assassinar os posseiros e suas famílias). Na verdade, o julgamento do dia 20 representou apenas a ratificação das penas impostas no julgamento ocorrido no final do ano passado, na Auditoria Militar de Belém do Pará. Um grande aparato repressivo impediu a realização de qualquer manifestação de solidariedade aos presos e contra a LSN, nas proximidades do STM. Durante todo o dia, mais de cem soldados da PM, armados de cassetetes, revólveres e bombas de efeito moral, mantiveram cerca de cem manifestantes a um mínimo de 30 metros de distância do local do julgamento. Por que os fazendeiros da região do Araguaia não são enquadrados e condenados pelos tribunais militares?

O cinismo da justiça (?) burguesa e da

legislação repressiva da ditadura militar não tem limite. Segundo a promotoria militar, o Araguaia "era um paraíso onde reinava a harmonia entre fazendeiros e posseiros, até a chegada dos padres franceses, em 76". Memória curta a dos juizes do STM. Desde o final da década de 60 os violentos conflitos de terras vêm crescendo em toda a região do sul do Pará e do norte de Goiás, incorporando ao seu quadro social, além das figuras dos grandes latifundiários, donos de grandes extensões de terras improdutivas, e dos posseiros, lavradores pobres que ocupam e trabalham por conta própria (ou em sistema de parceria), essas terras, a figura dos pistoleiros ou jagunços, contratados pelos primeiros para expulsarem os posseiros de suas propriedades. Segundo denúncia recente do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xinguara, Crispim dos Santos, por exemplo, nas últimas semanas três lavradores foram assassinados por jagunços, em quatro ações de despejo ocorridas nas áreas de Gorgulho, Taboão, Companhia Industrial do Brasil e Pacu. Além disso, cem outros posseiros de Açailândia, que vivem numa área reclamada pela família Mutran, uma das maiores proprietárias de terras do Pará, estão ameaçados de morte, se não saírem da região. E em Porto Nacional, Norte de Goiás, os fazendeiros acabaram de contratar pistoleiros paraguaios, com armas de grande potência e adaptadas com silenciadores, para

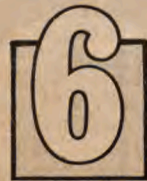
desalojarem outras centenas de famílias de lavradores, como as que há mais de 40 anos ocupam e trabalham numa parte da vasta área que é a fazenda São João, do latifundiário Valter Rodrigues Gomes. Esses são alguns exemplos entre incontáveis casos de violência contra os trabalhadores rurais. Apesar da forte presença da Polícia Federal em toda essa região, e da sua presteza em reprimir os posseiros, nenhuma medida policial ou judicial é tomada contra os latifundiários. Por que os tribunais militares, tão brutais na aplicação da LSN contra os trabalhadores, nada fazem contra os grandes proprietários de terras e seus crimes? Aqui cai por terra a máscara da podre legislação repressiva da ditadura. Essa legislação existe para sufocar e calar a reação do povo trabalhador às mais bárbaras injustiças e à superexploração, na mesma medida em que protege e acoberta os crimes e a exploração da burguesia dominante.

Assim, a luta contra a LSN e o conjunto da legislação repressiva do regime, contra todos os processos e prisões políticas, é parte da luta de todos os trabalhadores pelo fim da ditadura militar e do reinado de terror e fome que ela há 19 anos nos impõe. É nessa perspectiva também que se coloca a luta dos lavradores pobres pela posse vitalícia das terras que ocupam, o que só será possível com a expropriação dos latifúndios e das terras litigiosas, pela ação dos trabalhadores.

Continua a campanha em defesa dos companheiros de Alicerce de Belém do Pará

Vítimas dos mesmos tribunais militares do Pará, os mais violentos do país, oito companheiros de Alicerce da Juventude Socialista* continuam sendo processados com base na LSN, sendo alvos de toda a sorte de denúncias caluniosas, pelo fato de participarem ativamente da luta dos trabalhadores e da juventude secundarista e universitária contra os planos de superexploração da ditadura. A campanha em defesa dos companheiros de Belém, pela suspensão imediata de todos os processos e condenações políticas e pelo fim da LSN e do conjunto da legislação repressiva, lançada pelo nosso jornal há mais de dois meses, segue adiante, contando com centenas de adesões. Nesta semana, recebemos a adesão dos membros da direção nacional da CUT, do Amazonas, companheiros Jaques Manoel Sales de Castro, Francisco do Nascimento Nogueira e Adonay Farias Sabá, bem como de membros da oposição sindical metalúrgica, do PT, da CUT regional, do presidente da União dos Estudantes Secundaristas, Francisco Sávio, e de Renato Barth, do Serviço de Paz e Justiça Brasil Norte, todos do Amazonas. E, de São Paulo, do companheiro Aldo Escobar, do Centro de Pastoral Vergueiro.

(* Os companheiros de Alicerce enquadrados na LSN são: Francisco A. Cavalcanti Filho, Bernarde-te Menezes, João Batista de Araújo, Fernando Martins Carneiro, Carlos Vinicius Teles, Lúzio Horácio Lima, Conceição Rodrigues Menezes e Maristela dos Santos Lopes.



Denúncia

Sede de Alicerce atacada por provocadores fascistas

Na tarde de sábado, 22, a sede de Alicerce de São José dos Campos, São Paulo, foi alvo de um sórdido atentado por parte de grupos de ultra direita, certamente os mesmos que, há dois anos, se esmeravam em atacar e incendiar bancas de jornais abertas à imprensa operária e popular. As 16 horas, quando na sede estavam reunidos vários companheiros, indivíduos armados no interior de um fusca, dispararam três tiros contra uma das janelas, concretizando as ameaças feitas

anteriormente por telefone. O fato foi denunciado por Alicerce na imprensa local e levado à Câmara Municipal pelo vereador Ernesto Gardela, do PT e de Alicerce. Ações como essa visam, inutilmente, intimidar e impedir a continuidade da luta contra o arrocho e contra a ditadura. Essa luta é do conjunto da classe trabalhadora e seguirá até que seja varrida toda a exploração e opressão da qual esses grupos subterrâneos são subprodutos.

Às vésperas das eleições Peronistas e radicais não têm saída para a Argentina

Faltam poucos dias para as eleições argentinas, e as últimas pesquisas apontam um quase empate entre o peronismo e o radicalismo. Na verdade, a candidatura do radical Alfonsín teve um grande crescimento nos últimos dias, revelando a profundidade da crise do peronismo. É muito difícil que qualquer um destes partidos obtenha maioria absoluta, o que fará a escolha do novo presidente recair, no Colégio Eleitoral, nas mãos dos pequenos partidos. De qualquer forma, a aparente polarização entre peronistas e radicais, indica a incerteza imperante na maioria da população trabalhadora entre programas que não representam alternativa, porque são fundamentalmente iguais.

Uma situação revolucionária caracteriza-se pela existência de uma profunda crise econômica, pelo fato de que a burguesia e suas instituições não detêm mais o controle da situação, sendo incapazes de conter o avanço do movimento de massas, disposto cada vez mais a desenvolver ações revolucionárias. Tudo isso ocorre hoje na Argentina.

Naquele país, a violenta crise econômica não é fruto apenas de uma conjuntura difícil. O esforço para pagar a enorme (e impagável) dívida externa abala toda a estrutura de país dependente do imperialismo. Pagar ou não pagar é a questão crucial, da qual depende qualquer plano econômico — e o poder que vá aplicá-lo.

Por sua vez, a crise política da burguesia é clara no desmoronamento total do regime militar, que apesar de continuar governando em "estado de emergência" não consegue impor a sua vontade e que, em sua agonia, tenta transferir aos partidos burgueses um poder que já não detém. No entanto, nem esses partidos, nem as cúpulas sindicais conseguem conter o vigoroso ascenso do proletariado e dos setores populares, que se manifesta em constantes lutas e nas três greves gerais realizadas em um ano (contra a vontade dos pelegos).

Por isso as eleições de domingo próximo têm um caráter bem diferente das que se deram há dez anos na Argentina (ou as de 82 no Brasil). **Elas não são fruto de um projeto de abertura**, de um passo planejado pelos militares e pela burguesia para tentar prevenir a "explosão social". **As eleições foram arrancadas pelo movimento de massas**; sua realização é uma conquista dos trabalhadores. É um sinal evidente da profundidade do ascenso está dado pelo fato que as massas, longe de se paralisarem em função do processo eleitoral, se valem das liberdades democráticas conquistadas para avançar em suas lutas contra os planos de arrocho e miséria, contra a entrega do país ao imperialismo. Os trabalhadores, organizados por categoria, por sindicato, por bairro, não limitam o seu combate às plataformas eleitorais. Não ocorre lá o que se deu aqui em 82, quando o CONCLAT foi adiado para não "atrapalhar" as eleições.

Isso não significa que o imperialismo e a burguesia não pretendam utilizar esse processo para seus objetivos: legitimar um governo burguês capaz de aplicar esses mesmos planos. Para tentar realizar esse projeto, a burguesia se traveste até com roupagem de esquerda. O peronismo tenta voltar às raízes populistas; o radicalismo (um partido da oligarquia mais reacionária) se apresenta como

sindicalista de esquerda. No entanto, procurar diferenças essenciais entre os programas do justicialista Luder, do radical Alfonsín ou do intransigente Allende é como escolher entre cor de laranja, cor de abóbora ou cor de jerimum...

Todos eles se propõem a continuar pagando a dívida externa, continuar entregando o país ao imperialismo. Não que isso seja novidade: sob o governo de Frondizi e Allende foi aprovada a lei que permite ao Poder Executivo entregar bens da nação como garantia de pagamento das dívidas contraídas por empresas públicas ou privadas. Sob o governo de Isabel Perón e com o voto do então senador Luder, essa lei foi emendada, permitindo submeter as eventuais pendências nesse sentido a tribunais imperialistas. Foi exatamente essa lei que respaldou, há dias, a entrega das Aerolíneas Argentinas aos EUA como parte do pagamento da dívida externa. A História é convenientemente esquecida por esses candidatos que, em seus comícios, enchem a boca para falar de "soberania nacional". Todos eles se propõem a pagar a dívida fraudulenta, apenas negociando condições mais favoráveis (Como? Explicando aos sanguessugas imperialistas a difícil situação do país. É como se um trabalhador contasse safar-se de seus problemas financeiros graças à compaixão de um agiota.) Resta ver então o que são essas "condições mais favoráveis". Para o oligarca Manuel de Anchorena, candidato peronista ao Senado, por exemplo, um governo justicialista poderá "renegociar a dívida externa, para que esta não recaia sobre uma única geração de argentinos". Ou seja, ele promete mais miséria não só para seus possíveis eleitores, mas também para os filhos e os netos destes...

Na verdade, a alternativa é só uma: pagar ou comer. A burguesia diz "pagar", os trabalhadores querem comer. Por tudo isso, a situação revolucionária pode transbordar, a qualquer momento, numa crise revolucionária aberta, que colocará em jogo a estrutura de poder na sociedade, na ordem do dia, a sua tomada pelos trabalhadores.

É com essa perspectiva que o MAS intervém, não só no espaço eleitoral conquistado pelo movimento de massas, mas também nas lutas sindicais e populares, com um programa centrado no não-pagamento da dívida externa. Um programa que não pode ser cumprido pela burguesia, porque significa a destruição dessa mesma burguesia sócia do imperialismo. Por isso o programa, a organização e o combate do MAS apontam para a construção de uma Argentina socialista, sem generais nem capitalistas!

"Os velhos políticos dizem que a proposta de não pagar a dívida externa é coisa de 'delirantes' e 'irresponsáveis'. Afirmam que a economia de qualquer país que deixasse de pagar ficaria paralisada, porque as grandes potências credoras não lhe dariam mais créditos para importar as máquinas, insumos e matérias-primas necessárias para manter abertas as fábricas.

Faz tempo que nós do MAS explicamos que esse argumento é mentira. (...) No caso da Argentina, temos um saldo comercial positivo de 2 a 3 bilhões de dólares anuais. Esses fundos não vêm dos EUA nem da Europa e sim da URSS, que é nosso principal comprador. Se deixássemos de pagar todas essas divisas aos agiotes, desde o primeiro dia teríamos dinheiro para pagar à vista nossas importações. E essas importações seriam quase exclusivamente insumos, porque não importamos combustíveis nem alimentos, que produzimos em abundância. (...)

Os ianques têm medo que os latino-americanos se unam para não pagar a dívida externa. A América Latina poderia produzir 80% do que hoje importa de outros países, e 95% do que consome. Se a América Latina ou vários de seus principais países, como a Argentina, o Brasil, o México ou a Venezuela, se unissem para não pagar os agiotes mundiais, eles não poderiam nos sufocar. Acabariamos com a pilhagem de nossos povos, poderíamos aumentar a produção e terminar com a miséria."

(Extraído do jornal *Solidaridad Socialista* Nº 46)

Escreve Luis Zamora, candidato do MAS à Presidência



O que faria um governo do MAS Seis medidas imediatas

Estas são as seis primeiras medidas que um governo do MAS aplicaria e que seus deputados e senadores vão defender no Congresso:

1. Suspensão imediata do pagamento da dívida externa. Nenhuma "negociação", nenhum "refinanciamento" até que a dívida seja investigada e o povo decida, por referendo, o que deve fazer. O MAS defende que nem um centavo dessa dívida seja pago.
2. Expropriação de todas as multinacionais que vêm sugando o sangue da nação e que financiaram os piratas ingleses que roubaram as Malvinas.
3. Expropriação de todos os latifúndios da oligarquia e distribuição das terras para nova colonização agrária.

4. Suspensão imediata de todos os processos de despejo; escritura de propriedade para os mutuários afetados pelas modificações nas leis de aquisição de casa própria.

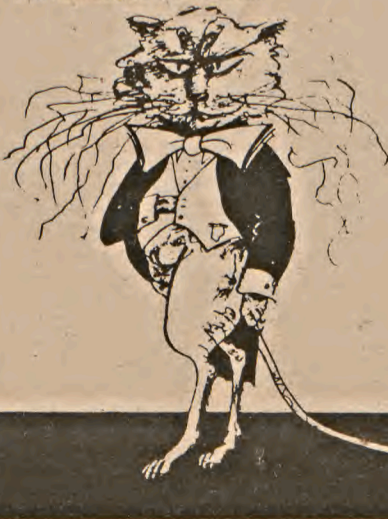
5. Meio salário-mínimo mensal por filho, pago à mão trabalhadora ou dona-de-casa de família operária ou popular, para acabar com a desnutrição, o trabalho infantil e a evasão escolar.

6. Constituição imediata de uma comissão com os mais amplos poderes, encabeçada pelas *Madres de Plaza de Mayo* e pelas Avós e Familiares de desaparecidos, para investigar toda a verdade sobre os crimes da repressão e castigar publicamente os culpados.

Para "O Trabalho", a ala esquerda de um partido burguês vira partido operário de massas.

Para o jornal *O Trabalho* (nº 221), "a Argentina vive hoje uma situação revolucionária". Porém, as eleições são vistas como parte da "abertura" promovida pelos generais, o que leva a negar a participação das massas nesse processo.

Esse jornal afirma que "não há alternativa de voto hoje" e critica, entre outros, o MAS, que, "atacando o processo em curso na juventude peronista", teria ajudado a impedir a constituição de "um partido operário de massas, independente". Segundo *O Trabalho*, esse Partido dos Trabalhadores poderia ter surgido a partir da corrente Intransigência e Mobilização Peronista.



Não conseguindo impor seus candidatos nas eleições internas de seu partido, os dirigentes da Intransigência e Mobilização resolveram ficar no peronismo e chamar a votar em Luder. Para isso, mentem descaradamente, atribuindo a Luder o seu próprio programa. "A dívida externa não será reconhecida pelo futuro governo", afirmam em seu jornal *La Voz*. (Mas Luder garante o pagamento). "A raiz de nossos males está na oligarquia e na penetração monopólica imperialista", dizem. (Porém Luder conclama a restabelecer boas relações com os EUA e não propõe reforma agrária nem nenhuma medida contra a oligarquia). Os jovens peronistas pronunciam-se contra a agressão ianque à Nicarágua. (E Luder insiste na manutenção dos pactos de submissão ao imperialismo).

Intransigência e Mobilização Peronista mente às suas bases. Usa argumentos de esquerda para votar à direita. O apoio de *O Trabalho* a essa corrente de um partido burguês é qualquer coisa comparável (guardadas as devidas proporções) a apoiar a ala esquerda do PDT e chamar a votar em Ademar de Barros Filho!



Alicerce em campanha para a UPES e as UMES:

As eleições diretas para a UPES e várias UMES (São Paulo, São Carlos, Diadema e São José dos Campos), que serão realizadas nos dias 8, 9, e 10 de novembro, devem ser mais um momento da luta contra a repressão e pelo fortalecimento das entidades secundaristas.

Participar das eleições para os sindicatos secundaristas é muito importante, porque fortalece ainda mais as ferramentas que os estudantes estão construindo para lutar contra a atual situação de miséria, desemprego e fome, baixo nível de ensino e evasão escolar, imposta pela ditadura aos estudantes e ao povo em geral.

Foi por isso que os congressos secundaristas realizados recentemente optaram por eleições diretas. Ou seja, para criar a oportunidade de que cada estudante possa discutir todas as propostas e votar nos dirigentes dessas entidades optando pelo melhor programa que for apresentado; reconhecer e tornar mais fortes as entidades, rompendo pouco a pouco o cerco da repressão.

Por que votar em Alicerce

Para conquistar as reivindicações estudantis é preciso muita organização e muita luta, e para isso é necessário que os sindicatos secundaristas sejam de combate e não instrumentos de conciliação.

Cada vez mais se torna necessária a aliança dos estudantes com os trabalhadores para pôr fim a essa crise que a ditadura e os patrões criaram e que hoje jogam nas costas dos trabalhadores e da juventude. O baixo nível de ensino, a falta de vagas e a cobrança cada vez maior de taxas nas escolas públicas, ao lado dos aumentos das anuidades nas escolas pagas, é parte da mesma política que arrocha o salário dos trabalhadores, que promove a miséria e o desemprego, para pagar a dívida externa e aprofundar a submissão do país ao FMI.

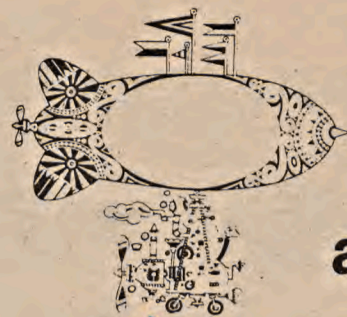
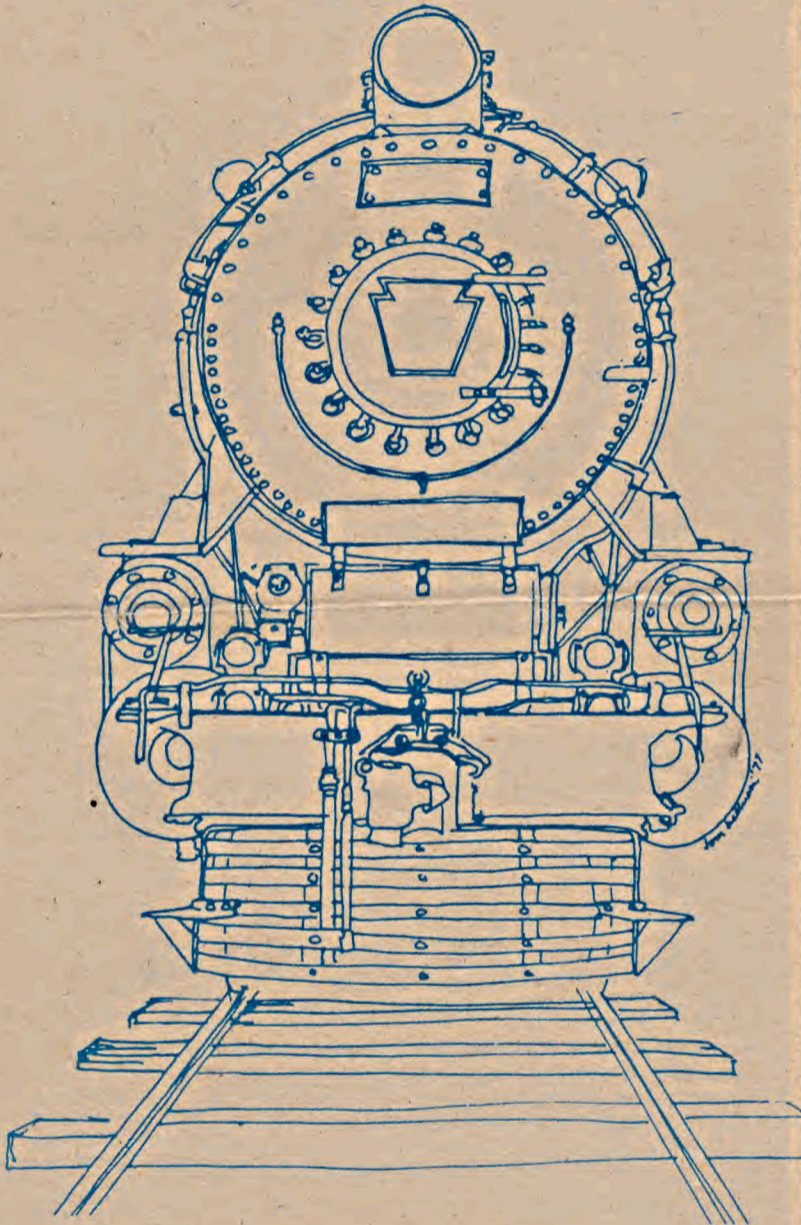
Votar em Alicerce para as direções das entidades secundaristas é a **única forma** de assegurar que essas entidades estarão organizando a luta dos estudantes contra a repressão e a ditadura, ao lado dos trabalhadores. Isso porque Alicerce defende o apoio à Central Única dos Trabalhadores que recentemente foi fundada em S. Bernardo, como forma de realizar a aliança operário-estudantil e está pela organização da Greve Geral junto com a CUT, para derrubar essa ditadura e não pagar a dívida externa. *Votar em Alicerce é apoiar a corrente que mais lutou contra a repressão nas escolas e que esteve junto com os secundaristas todos estes anos batalhando pela construção e reconstrução dos seus sindicatos. Votar em Alicerce é ter a certeza de colocar na diretoria das entidades uma direção de combate que estará ao lado da luta dos trabalhadores do mundo inteiro contra a opressão e exploração.*

Formar comitês em todas as escolas

Chamamos todos os companheiros que concordam com as propostas de Alicerce a formarem comitês de apoio à chapa no interior das suas escolas. Essa é a melhor forma de ajudar a colocar uma direção combativa nas entidades secundaristas. Pois esses comitês que servirão para divulgar as propostas de Alicerce e também para garantir as eleições nas escolas, devem se transformar depois das eleições em núcleos que ajudem a organizar o movimento dentro das escolas.

A campanha já começou e as inscrições para as eleições da UPES e UMES-SP devem ser feitas no diretório acadêmico da FATEC, que fica em frente à estação Tiradentes do metrô. Para inscrever as escolas é necessário pagar uma taxa de Cr\$ 200,00. É isso aí, agora é se lançar com tudo nas eleições.

A TODO VAPOR!



É difícil

abrir uma Sede Socialista?

Sede Socialista?

Novas sedes do Alicerce da Juventude Socialista serão abertas em todo o Brasil. Agora é a vez do Nordeste. Os companheiros de Teresina tiveram uma boa iniciativa que foi tornar a casa de um deles uma sede provisória. Os de Natal planejaram uma festa para arrecadar fundos para poder abrir uma nova sede para a juventude se reunir, discutir sobre o que é o socialismo, trocar idéias sobre os acontecimentos da realidade e organizar as atividades da semana para encaminhar a luta nas escolas e nos locais de trabalho. É esta iniciativa dos companheiros, que vai nos possibilitar construir uma organização nacional.

Nossas sedes são sustentadas pelos próprios membros de Alicerce. Isto é, com o esforço de cada companheiro, seja através de uma contribuição pessoal, seja através de atividades, como festas, rifas, etc. São locais para organizar a luta dos trabalhadores e dos estudantes e, por isso mesmo, só podem depender destes para se manter. Você mesmo que está lendo este jornal, pode ser que já contribua ou pode começar a contribuir, para isso basta conversar com algum companheiro da sede mais próxima de sua casa.

Estamos com 40 sedes, sendo que a Penha, São Bernardo e Araraquara estão provisoriamente sem sede. Porém achamos ainda muito pouco. Com o avanço das lutas dos trabalhadores, o espaço para nossa organização é muito maior. Precisamos ocupá-lo. Queremos chegar a **65 sedes** até o início do próximo ano.

Para abrir uma sede não é preciso muito, bastam alguns companheiros com muita vontade de construir o Alicerce, pois, então, podem arrumar alguma garagem, algum local, para ser uma sede provisória, até que se possa alugar algo maior. O que não pode faltar é audácia, audácia para encarar algo novo, uma juventude socialista ampla e combativa.

Queremos que nossos leitores participem desta campanha, como participaram da de núcleos, ativamente. Por exemplo, os companheiros que participavam do núcleo de Natal devem se empenhar para abrirem a sede ainda este ano, sem isso não vamos poder reunir um número cada vez maior de pessoas. Outros núcleos de leitores podem se reunir para abrir sedes em bairros onde não temos trabalho ainda. Enfim, queremos a participação de todos para conseguirmos chegar às 65 sedes.

Encontre e discuta com Alicerce nestes endereços:

Amazonas - Manaus - Av. Constantino Nery, 812 - casa 5 - Centro

Pará - Belém - R. Rui Barbosa, casa 4 - Vila ABC

Maranhão - Imperatriz - R. Benedito Leite, 634 - Centro

Pernambuco

Olinda - Vila Marluce, 44 - Terminal de São Benedito
Recife I - R. Álvares de Azevedo, 80 (trav. da R. João de Barros)
Recife II - Rua do Giriquití, 20, apto. 101 - Ed. Argentum

Minas Gerais

Belo Horizonte/Barreiro - R. Hoffman, 5-B (esq. com R. Olinto Meireles)
Belo Horizonte/Centro - R. Curitiba, 778 - sala 805
Contagem - Av. João César de Oliveira, 3041-B - 2º andar
São João Del Rey - R. Mateus Salomé, 22 - sala 3 - Centro

Mato Grosso do Sul

Campo Grande - R. Antonio Maria Coelho, 2301 - casa 5 - Centro

Distrito Federal - Brasília - Edifício Márcia, sala 809 - SCS

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro/Centro - Av. Marechal Floriano, 167 - 2º andar
Rio de Janeiro/Méier - R. Joaquim Méier, 600
Rio de Janeiro/Tijuca - R. Pereira Nunes, 129 - casa 1
Niterói - R. XV de Novembro, 106 - sala 4
Volta Redonda - Rua 208, nº 207
Duque de Caxias - Av. Plínio Casado, 5 - sala 118 - Centro

Rio Grande do Sul

Porto Alegre - R. Oswaldo Aranha, 934 - Bonfim
Passo Fundo - R. Independência, 840
São Leopoldo - Av. Bento Gonçalves, 1431
Santa Maria - R. Dona Luíza, 570 - subsolo

São Paulo

Campinas - R. Barão de Jaguará, 1385 - Centro
Santos - Av. Afonso Pena, 418 - sala 22 - Macuco
São Carlos - Rua Episcopal, 1983
São José dos Campos - Av. Dr. Néilson D'Ávila, 1247 - salas 1 e 2
Ribeirão Preto - R. Prudente de Moraes, 791 - Centro

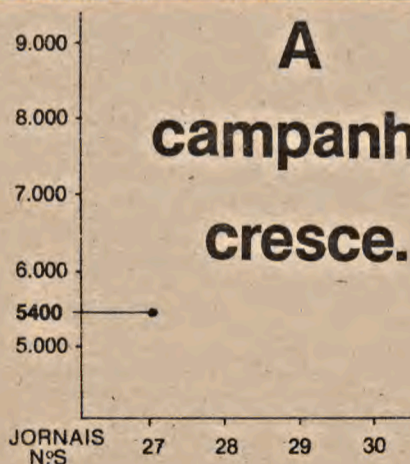
Grande São Paulo

Guarulhos - R. João Gonçalves, 468 - Centro
Osasco - R. Dna Primitiva Vianco, 739 - 1º andar - sala 1 - Centro
Santo André/Centro - R. Guilherme Marconi, 174 (esq. com R. Sto. André)
Santo André/Parque das Nações - Travessa Tebas, 36
São Caetano do Sul - R. Paraíba, 467 - Centro
Diadema - R. N. Sra. das Vitóriaas, 200

São Paulo/Capital

Santana - R. Voluntários da Pátria, 1617
Freguesia do Ó - Rua Marapimá, 41
Lapa - R. 12 de Outubro, 325 - sala 9
Liberdade - R. Santa Madalena, 22
Santo Amaro - R. Cel. Luiz Barroso, 240
Ipiranga - R. Cisplatina, 849
Cidade Ademar - Av. Cupecé, 3397 - sala 2

A campanha cresce.



Entre todos os jornais que se reivindicam do movimento operário presentes no Congresso da UNE, sem dúvida o destaque vai para o "Alicerce da Juventude Socialista". Nosso jornal foi a vanguarda do bloco pela CUT e pela greve geral, e ao

mesmo tempo foi o **único** que fez críticas à posição da direção da CUT por suspender a greve marcada para o dia 25, ao contrário, por exemplo, do "Em Tempo", que apoiou, e do "Trabalho" que nem falava desta possibilidade.

Nosso jornal foi uma alternativa para os delegados que queriam encontrar uma saída diante da situação nacional, em que a "oposição burguesa" tenta fazer um acordo com o regime para salvá-lo, e na qual a suspensão da greve foi um balde de água fria para enfrentar esse acordo sinistro que impõe o arrocho à classe trabalhadora.

"Alicerce da Juventude Socialista" cada vez mais é procurado como o porta-voz das posições socialistas revolucionárias. Isto porque nosso jornal é um instrumento de luta e não uma simples publicação de comentários jornalísticos sobre a situação nacional e internacional. Todos os companheiros que querem divulgar as posições do socialismo revolucionário tem em nosso jornal a melhor forma de fazê-lo.

Por isto nossa campanha de aumentar a venda do jornal até 9.000 exemplares semanais começa a crescer. Este é o grande desafio de todos os que querem colaborar na construção de Alicerce.